

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XVI*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

## EPIGRAFIA ROMANA DO NORDESTE ALENTEJANO — NISA, TORRE DE PALMA E SILVEIRONA

Na sequência da investigação para o catálogo das inscrições romanas do Sul de Portugal, encontrámos no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) (\*), um conjunto de monumentos cujo estudo empreendemos, por ainda não terem sido publicados, uns, ou apresentarem características comuns, outros. Estão no primeiro caso a placa de Torre de Palma e as epígrafes romanas de Silveirona (2); no segundo, as inscrições cristãs de Silveirona e a epigrafia de Nisa (3).

### 1 — *Nisa. Sem n.º de entrada. Fotos 1 e 2*

Ara votiva de granito, com forte patina amarela, proveniente da Herdade de Pero Galego, freguesia de Montalvão. No capitel —

P) Agradecemos aos conservadores e pessoal auxiliar do museu, nomeadamente à Sr.ª Dr.ª Maria Adelaide Maia, as facilidades que nos têm concedido e o interesse com que vêm acompanhando o nosso trabalho. Aliás, a Dr.ª Maria Adelaide Maia procedera à arrumação das epígrafes, o que permitiu encontrar monumentos inéditos, identificar outros, juntar fragmentos dispersos, rectificar proveniências, emendar números de inventário. Apresentámos nas III Jornadas Arqueológicas de Lisboa (Outubro de 1977) uma primeira amostra do que tem sido essa actividade no MNAE.

(2) Denotando uma ocupação do século i ao vi, esta necrópole do concelho de Estremoz forneceu abundante espólio inédito guardado no MNAE (n.ºs 7981-8124).

(3) Só três pequenos fragmentos de Silveirona estavam inéditos; ao incluirmos as placas cristãs pretendemos dar a panorâmica global da epigrafia desta necrópole. De Nisa, duas aras quase inéditas, uma das quais verosimilmente dedicada a Júpiter Repulsor, o que nos permitiu pôr em equação o culto a esta divindade.

17 x 26 x 23 — o fôculo, central, circular, tem lateralmente dois toros arredondados, enquanto à frente e atrás há dois pequenos frontões. A face epigrafada foi submetida a erosão: as letras sumiram-se um pouco. Base de três largos toros paralelos, com a parte inferior destinada à fixação da ara num soco. Lateralmente, vestígios de caiação.

Altura total: 65. Base: 21 x 24 x 23. Campo epigráfico: 28 x 21,5 (4).

CELTIVS / TONGI / F(*ilius*) IOVI R/EPVLSO(*ri*) / IA(*nimo*) h(*ibens*) V(*otum*) S(*olvit*).

Céltio, filho de Tôngio, cumpriu de bom grado o seu voto a Júpiter Repulsor.

Altura das letras: 1. 1: 3,5/4; 1. 2: 3/3,5; 1. 3: 3/3,5 (F=4); 1. 4: 3,5/3,6 (P=4,5, S=5); 1. 5: 4,5/5,5. Espaços: 1: 2; 2: 1,2/1,5; 3: 1/1,7; 4: 1,5/1,7; 4: 1,5/1,7; 5: 1,7/2; 6: 1,2/1,5.

VASCONCELOS (José Leite de) (= LV), *Antiguidades Alentejanas*, «O Archeologo Português» (= AP) XXIX, 1933, p. 183 = «L'Année Epigraphique» (= AE), 1934, n.º 22. PFLAUM (H. G.), *Jupiter Depulsor*, «Annuaire de l'Institut de Philologie et d'Histoire Orientales et Slaves», XIII, 1953 («Mélanges Isidore Lévy»), p. 450. LAMBRINO (T. Scarlat), *Catalogue des Inscriptions Latines du Musée Leite de Vasconcelos*, AP, III série, I, 1967, p. 217, n.º 155.

Houve preocupação de ocupar todo o espaço disponível, obtendo-se uma «caixa» (5), porquanto se conseguiu alinhamento à esquerda e à direita, mesmo sacrificando uma translineação correcta (6). Ao teónimo IOVI poderia ter sido dado maior relevo, isolando-o na 1. 3. O nexu VL não impediu que o vocábulo ficasse

(4) Todas as medidas são dadas em centímetros.

(5) Usamos o termo «caixa», retirado da linguagem tipográfica, para indicar que as linhas, por estarem alinhadas à esquerda e à direita, formam um rectângulo.

(6) R/EPVLSO, por exemplo.

incompleto. Gravação rude e tremida, motivada pela dificuldade do suporte; escrita medíocre: na 1. 3, R de traçado desajeitado; na 1. 4, S de módulo superior ao das outras letras, O imperfeito; o S da 1. 5 adivinha-se. A pontuação é feita mediante pequenos pontos nem sempre existentes onde seria de esperar — visíveis apenas na 1. 3 (um) e dois na 1. 5 (o segundo em jeito de pequeno traço oblíquo).

2 — *Nisa. Sem n.º de entrada. Fotos 3 e 4*

Ara votiva de granito róseo muito granulado, com forte patina, procedente também da Herdade de Pero Galego, Montalvão. Capitel elegante: fôculo bem côncavo ao centro, dois toros laterais (um de cada lado), frontão triangular adiante e atrás — a semelhança tipológica com a ara n.º 1 é notável. Moldura de dois toros no capitel e na base. A inscrição ocupa uma das faces do fuste. No todo, um monumento de proporções graciosas.

Dimensões: 52 x 30,50 x 21. Campo epigráfico: 25 x 59.

TANGINVS / DOCQVIRI F(*ilius*) IO/VI REPVLSORI /  
/ [ANIJMO [LÍBEJ/NS [*Y(òtum) S(olvit)?*]

Tangino, filho de Doquiro, cumpriu de boa vontade o voto a Júpiter Repulsor.

Alt. das letras: 1. 1: 3; 1. 2: 3; 1. 3 a 5: ? Espaços: 1:1; 2 a 5: ? 6: 5,3.

LV, *art. cit.*, p. 184, nota somente a existência da ara. LAMBRINO (T. S.), *Les Inscriptions Latines Inédites du Musée Leite de Vasconcelos*, AP, nova série, m, 1956, p. 63 (desenho), baseando-se na referência de LV (AP, xxii, 1920, p. 317) a uma ara com o nome *Tanginus*, dá-a como proveniente da Capinha (Fundão).

Variantes: 1. 2: LAMBRINO não lê 10; 1. 3: IVI[...]IVSCE; 1. 4: I. A.[...]VS; 1. 5: NT A.S.I. (Estas letras estão no desenho, LAMBRINO não apresenta qualquer interpretação).

Sente-se a preocupação duma paginação com alinhamento à esquerda, e, apesar do granulado, as primeiras quatro linhas parecem ter também obedecido a um alinhamento à direita. O granito dificultou a gravação, que resultou rude e pouco inteligível. Contudo, o nome do dedicante e o seu patronímico distinguem-se bem, o mesmo já não acontecendo com o teónimo, cuja leitura apresentamos com reservas; aliás, a própria fórmula votiva poderá estar na pedra de forma diferente da que interpretámos.

Para além de documentar mais um exemplo de dois conhecidos antropónimos célticos bastante difundidos na Lusitânia, *Tanginus* e *Docquirus* (7), a epígrafe — se bem a interpretámos — é mais um testemunho do culto prestado por indígenas a Júpiter Repulsor (ara n.º 1).

O epíteto *Repulsor*, patente nestas aras, relaciona-se com outros dois, mais frequentes, *Depulsor* e *Depulsorius*, cuja lista foi feita por H. G. Pflaum (8): trinta e dois exemplos de *Depulsor*, quatro de *Depulsorius* e dois de *Repulsor*. Pflaum considera efectivamente que a inscrição de Braga (*CIL* II 2414) onde falta a primeira letra do epíteto se deve reconstituir [*R*]epulsori, atendendo ao texto de Nisa. Em sua opinião, «estas três denominações, apesar de os cultos exaltarem o mesmo poder supremo, afastando e esconjurando o mal e os perigos, ocultam divindades típicas do fundo religioso indígena das três regiões indicadas» (9), isto é: Petóvio e o Nórico oriental para o culto de *Depulsor*, a Gália Narbonense para o de *Depulsorius* e o de *Repulsor*, característico do Ocidente peninsular. Pflaum chama a atenção para os dedicantes das epígrafes a Júpiter Repulsor: na de Nisa, um *Celtius* filho de *Tongius*, cuja onomástica é nitidamente céltica, sendo *Tongius* um antropónimo próprio da Lusitânia (10); na de Braga, apesar

(7) Ver ALBERTOS (M.ª Lourdes), *Nuevos Antroponimos Hispanicos*, «Emerita»: XXXII, 1964, p. 244 (*Docquiri*); XXXIII, 1965, p. 126 e XL, 1972, p. 313-314 (*Tanginus*).

(8) *Art. cit.*, p. 445-450.

(9) *Ibidem*, p. 450.

(10) Sobre a sua distribuição e frequência, ver UNTERMANN (Jürgen), *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965, p. 98-99, mapa 34 (*Celtius*), p. 173-174, mapa 76 (*Tongius*). A ocorrência destes antropónimos é cada vez mais documentada na Lusitânia; ao mapa de

de *Durmia Pusinna* ser cidadã romana, o seu cognome é — continuamos a citar Pflaum — «indígena e relativamente espalhado na Hispânia romana»: *CIL* II 2284, 2589 e 2800. A opinião de Pflaum a respeito do carácter «hispânico» de *Pusinna* poderá eventualmente ser contestada: Albertos <sup>(u)</sup> refere exemplos doutras regiões do mundo romano, opinando que o radical deste antropónimo não é celta mas talvez véneto. Contudo, é-nos possível confirmar, por outro lado, a argumentação de Pflaum:

1. ° Até ao presente, não se registou o culto a Júpiter Depulsor na Península <sup>(12)</sup>.

2. ° Pelo contrário, foi atestado outro exemplo, claro, do culto a Júpiter Repulsor: uma ara granítica de Valência de Alcântara (Cáceres) <sup>(13)</sup>, região muito próxima de Nisa, apresenta nas três faces IOVI REPVLSORI; e, segundo se pode ver pelas fotos de Callejo, o R lê-se distintamente nas três; aliás, o autor do artigo desconhecia a existência do exemplo de Nisa e, também ele, sugere que, perante o documento de Cáceres, a epígrafe de Braga se poderá reconstituir [*R*]epulsor <sup>(14)</sup>.

3. ° E, mais recentemente <sup>(15)</sup>, foi dada a conhecer outra ara da mesma região de Cáceres, em Mata de Alcântara, dedi-

*Tongius*, por exemplo acrescentem-se dois achados de Valência de Alcântara (*HAE* 2663, 2664) e dois de Golipo («Conimbriga», XI, 1972, p. 110-112, p. 121-123).

<sup>(u)</sup> ALBERTOS FIRMAT (M.<sup>a</sup> Lourdes), *La Onomástica Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*. (= *O. Hisp.*), Salamanca, 1966, p. 187-188.

<sup>(12)</sup> VIVES (José), *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971, 1972 (índices) (= *ILER*), n.º 101, refere um Júpiter Repulsor. Trata-se de evidente erro: 1.º *HAE* 212, que é a fonte citada, corresponde a um texto diferente; 2.º a epígrafe de Escalos de Cima (*EE* IX, 1903, n.º 41; *AE* 1924, n.º 10) foi «corrigida» no século XIX, o seu texto original foi reconstituído por LA MB RIÑO (*Notes d'Epigraphie Lusitanienne*, «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», III série, III, 1959, p. 10-19) e como tal publicado correctamente em *AE*, 1961, n.º 249: trata-se de urna dedicatória a *I.O.M. Conservator*.

<sup>(13)</sup> *HAE* 2431, citando CALLEJO SERRANO (C.), *Aportaciones a la epigrafia romana del campo norbense, RRAH*, CLVII, 1965, p. 24-25, lâmina VIII.

<sup>(14)</sup> *Art. cit.*, p. 25.

<sup>(15)</sup> BELTRAN LLORIS (Miguel), *Aportaciones a la epigrafia y arqueología romana de Cáceres*, «Caesaraugusta» (Publicaciones del Seminario de Arqueología y Numismática Aragonesas = PSANA), 39-40, 1975-1976, p. 19-111, p. 82-83, n.º 56, fig. 49.

cada iovi REPVLTSORI, a Júpiter Repulsorio. Embora a letra inicial não se veja claramente (pelo menos na foto), Beltrán nem sequer a põe em dúvida e, de facto, D não é possível. De inovador, no teónimo, a terminação em *-orius* e a presença do í, variante fonética que terá a ver muito naturalmente com a passagem a escrito duma forma oral latina que os indígenas não compreenderiam na perfeição; mais uma prova, aliás, de que o culto a Júpiter Repulsor foi importado, tendo o seu nome sido adaptado aqui à fonética local. Mas tratar-se-á apenas duma variante linguística de *Depulsor*? Ocultar-se-á, ao invés, sob esse nome, a assimilação de *Depulsor* a uma divindade indígena pré-existente? Ou será, ainda, um epíteto que nada terá a ver com *Depulsor*? As três hipóteses são efectivamente possíveis; embora, de acordo com o que se conhece das variantes linguísticas dos epítetos das divindades indígenas, a primeira se nos afigure bastante provável, o que não implica, porém, a impossibilidade de assimilação com uma divindade indígena.

Na epígrafe de Mata de Alcântara, o dedicante tem um nome celta — a dificuldade da leitura não impede a certeza desse carácter (i. COVTIVS ALBONI FILIVS); na inscrição de Valência de Alcântara, o dedicante não é mencionado; não nos repugna pensar que os responsáveis pela erecção do monumento pertenceriam ao estrato indígena, se atendermos à área linguística em que Valência de Alcântara se insere.

Afasta-se, assim, perante a clareza dos textos, a hipótese de o *ordinator* se ter enganado ao fazer a leitura da minuta que lhe fora entregue, vendo *Repulsor* onde se escrevera *Depulsor*.

E confirma-se o carácter tópico do culto a Júpiter Repulsor. Aliás, a dedicatória encontrada em Novae e estudada por Kolendo confirma também essa hipótese<sup>(16)</sup>. No entanto, essa «migração» dum culto que assume características diferentes de região para região, a transformação duma divindade inicialmente militar em

<sup>(16)</sup> KOLENDO (Jerzy), *Inscription de Van 227 en Vhonneur de Jupiter Depulsor découverte à Novae*, «Archeologia», XIX, 1968, p. 117-144. O autor conclui que esta inscrição «pode, portanto, ser uma prova bastante interessante da dualidade do culto a Júpiter Depulsor: culto militar nos confins do Império e culto local na Panónia Superior e no Nórico» (p. 141).

divindade tópica — merecerá a maior atenção dos historiadores. Que movimentos populacionais e/ou culturais lhe estarão subjacentes ?

3 — *Nisa. Sem n.º de entrada. Fotos 5 e 6*

Ara votiva em granito róseo, encontrada numa herdade (Tapada dos Paianes), entre Nisa e Póvoa e Meadas. Intacta, trabalhada nas quatro faces. Capitel com foco circular em relevo, ladeado à esquerda e à direita por um toro não muito elevado. Base grosseiramente retocada.

Altura total: 54. Espessura do fuste: 19. Capitel: 14,5 x 26,5 x 25. Base: 16 x 30 x 26. Campo epigráfico: 24 x 21,5.

P(*ublius*) CARMINI/VS MACER / EX VOTO

Públio Carmínio Mácer, por voto.

Altura das letras: 1. 1: 2,5; 1. 2: 2 (R = 2,5); 1. 3: 2/2,4. Espaços: 1: 0; 2 e 3: 0/0,3; 4: 15/15,7.

LV, *art. cit.*, p. 178. AE 1934, n.º 21. LAMBRINO, *art. cit.* p. 216, n.º 154.

Variantes: CARMINI[NI]VS (LV), CARMIN[I]VS (LAMBRINO)

No final da l.1, a falha fez desaparecer o N quase por completo: supomos ser admissível o nexó NI. Paginação medíocre: espaços quase inexistentes, ausência de pontuação, translineação incorrecta. Caracteres gravados sem segurança, de que MA (1. 2) constituem bom exemplo; R (1. 2) não fechado e de haste muito oblíqua.

Não há vestígio de utilização posterior que nos permita pensar ter havido na pedra um teónimo. Decerto a ara fora colocada num santuário a divindade bem conhecida, indígena ou não.

Se *Macer* nos situa numa onomástica conhecida, o gentílico *Carminius* surge aqui pela primeira vez na epigrafia peninsular, embora não seja estranha a sua ocorrência; de facto, em 44/45 d.C. foi governador da Lusitânia *L. Calventius Vetus Carminius* <sup>(17)</sup>, segundo se supõe, pai de *L. Carminius Lusitanicus*, cônsul sufecto nos finais de 81, a que teria sido dado o cognome Lusitânico por ter nascido na Lusitânia <sup>(18)</sup>. Terá *P. Carminius Macer* alguma relação com a família do governador ? Certo é que apresenta os *tria nomina* e nada impede — paleograficamente — de datar o monumento da segunda metade do séc. I da nossa era.

4 — Nisa. Sem n.º de entrada. Foto 7

Ara votiva de granito róseo com patina cinzenta, proveniente da Herdade de Pero Galego, Montalvão. Capitel e base de volumosas proporções em relação ao fuste, eixo ântero-posterior maior que o transversal. Capitel desgastado na zona central — restam os toros laterais. Molduração grosseira no capitel e na base. A inscrição ocupa uma das faces do fuste.

Capitel: 17 x 34 x 43. Fuste: 26 x 23,5 x 32. Base: 21 x x 34 x 43.

CIRME / CRI • SER / VOTVM / SOLVIT

... cumpriu a promessa ...

Alt. das letras: 1. 1: 5/5,5; 1.2: 5/6,5; 1. 3: 4,5/5,5; 1. 4:4/5;  
Espaços: 1 a 4: 0,3/1; 5: 0.

Inédita: LV, *art cit.*, p. 184, nota somente a existência da ara.

Toda a face foi ocupada pela inscrição. Os caracteres, rudemente gravados, não se distinguem uns dos outros nas duas primeiras linhas. A leitura apresentada é hipotética, provisória.

(17) *PIR*<sup>2</sup> II, p. 102, n.º 428.

H *PIR*<sup>2</sup>, II, p. 103, n.º 434.

*Votum sohit* lê-se bem. Antes, estará o nome da divindade e a identificação do dedicante ou apenas uma destas indicações; se atendermos ao monumento n.º 3, o teónimo poderá ter sido omitido.

Do concelho de Nisa, conhece-se outra inscrição funerária (uma ara?) relativa a um indígena, Máximo filho de Talabaro (*CIL* II 171 = *ILER* 2701). Os monumentos votivos são, portanto, os mais numerosos, notando-se características comuns a sugerir uma oficina local: a molduração, a forma de trabalhar os capitéis, o suporte. A inexistência de teónimo na ara n.º 3 e, talvez, na n.º 4, leva a crer que teriam sido colocadas no local de culto; um santuário a Júpiter Repulsor na Herdade de Pero Galego surge-nos como hipótese não desprezível. Este culto e a antropónimo indígena documentam a persistência duma organização autóctone durante a ocupação romana.

5 — Torre de Palma. Sem n.º de entrada. Foto 8

Placa funerária de mármore, com patina rosada, desgastada na parte central por efeito da erosão (da água?) no sentido transversal. Proveniente da *villa* romana de Torre de Palma, concelho de Monforte, deu entrada no museu nos começos de 1977. Subsiste a parte superior da moldura de talão saliente e escocia plana; contudo, o campo epigráfico, rebaixado em relação à moldura, não sofreu grandemente com os maus tratos, apenas a erosão apagou algumas letras.

Dimensões: 47 x 65x6. Campo epigráfico: 38,5 x 62.

Pf *ubliusf*- ANONIVS • QVIRINA (*tribu*) / SILO-ANN (*orum*)  
 LX I (*sexaginta uno?*) (*hedera?*) H (*ic*) • S(*itus*) • E (*st*) / AQVILIA •  
 CAMVLI • F(*ilia*) . CARA / [A]NN(*rwm*) [LVI?] (*quingenta*  
*sex?*) I [S]IBI • ET . VIRO • [S]VO • F(*faciendum*) • C(*uravit*) /  
 / S(*it*) (*hedera*) V(*obis*) (*hedera*) T(*erra*) L(*evis*)

Aqui jaz Públio Anónio Silão, da tribo Quirina, de sessenta e um (?) anos. Aquilia Cara, filha de Câmulo, de cinquenta e seis (?) anos, mandou fazer para si e para seu marido (este monumento). Que a terra vos seja leve!

Alt. das letras: 1. 1: 6,5/7 (A=6, A=5); 1. 2: 5; 1. 3: 5 (A=3);  
1. 4 a 6: 5. Espaços: 1: 0,5/1; 2 e 3: 0,5; 4: 1,3; 5 e 6: 1.

Inédita.

Houve cuidado na paginação: duas linhas para a identificação de cada defunto, as duas últimas para o formulário. O texto foi disposto segundo um eixo de simetria e o espaço da 1. 4 justifica-se porque a pedra se gravou antes da morte de Aquilia, desconhecendo-se pois a idade com que viria a falecer. No final das 1. 1 e 3, letras mais pequenas para evitar corte de palavras. Pontuação usada a rigor: pontos circulares, heras muito largas. Caracteres bem gravados, levemente inclinados para a esquerda, verticalmente alongados: C, S e Q de excelente recorte denotando o séc. i. O P não fecha completamente, o R apresenta a haste oblíqua recta.

Dada a circunstância de *Anonius* surgir aqui pela primeira vez, poder-se-ia supor a existência do nexu NT — ANTONIVS; a análise da pedra não nos autoriza a hipótese. De cognome muito frequente, P. Anónio Silão tem uma denominação bem latina e, ao indicar por extenso a tribo em que foi inscrito seu marido, Aquilia demonstra o orgulho sentido por ele ser cidadão romano. Decerto esse direito fora adquirido recentemente, talvez a título pessoal. A atribuição da tribo Quirina data, como se sabe <sup>(19)</sup>, da época dos Flávios — o que não contradiz em nada os dados paleográficos desta epígrafe. *Aquilia* não é gentílico muito documentado na Península <sup>(20)</sup> e o cognome *Cara* também não, o que não deixa de ser curioso, na medida em que o patronímico *Camulus* se regista aqui pela primeira vez. Assim, enquanto a filiação de seu marido é omitida, Aquilia identifica-se com onomástica latina mas indicando a filiação um tanto à maneira indígena, através do cognome de seu pai, que nos faz pensar no antropónimo céltico *Camalus*.

A *villa* de Torre de Palma, para além do extraordinário mosaico dos cavalos (cada qual com o seu nome), forneceu uma ara a Marte (um Marte de características agrárias) dedicado por *M. Coelius*

<sup>(19)</sup> Ver ÉTIENNE (R.) e FABRE (G.), *C. Turranius Rufus de Conimbriga*, «Conimbriga», XI, 1972, p. 200.

<sup>(20)</sup> Só um exemplo, em Santiago de Compostela (*ILER* 4023).

*Celsus* (2<sup>1</sup>). Esta placa vem dar-nos a conhecer outra família, bem romanizada: proprietários da *villa*?

O uso do nominativo, a ausência de invocação aos deuses Manes, a menção da tribo Quirina, a não utilização de adjectivo para qualificar *vir* — permitem-nos datar a epígrafe da segunda metade do séc. i.

6 — *Silveirona*. N.º de entrada: E 8014. Foto 9

Placa funerária, de calcário acinzentado, proveniente da necrópole de Silveirona, Estremoz. Intacta, apresenta campo epigráfico rebaixado em relação à moldura que o enquadra. A moldura, bem proporcionada, tem filete exterior a que se segue um talão e uma escocia quase plana. Lateralmente, a pedra foi afeiçãoada, o que pode denotar a necessidade de encaixe preciso.

Dimensões: 63,5 x 93 X 10. Campo epigráfico: 41,7 x 71.

*D (is) M(anibus) S(aerum) / Q(uintus) (hedera) FABIVS (hedera) TRYPHON / ARGYRIVS. (hedera) ANN (orum) (hedera) XXV (viginti quinque) (hedera) /H (ic) (hedera) S (itus) (hedera) E (st) (hedera) PATER (hedera) FILIO (hedera) / DESIDERAN- TISSIMO Ffaciendum) C(uravit)*

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Quinto Fábio Trifão Argírio, de 25 anos. Que a terra te seja leve. O pai, Trifão, mandou fazer (este monumento) ao filho muito saudosos.

Altura das letras: 1. 1: 6,5 (S=6); 1. 2: 6 (N=3); 1. 3: 6/6,5; 1. 4: 6/6,2; 1. 5: 6/6,2; 1. 6: 3,5/3. Espaços: 1 a 5: 0,5; 6: 2,7/3,7; 7: 0,5/1,5.

(2<sup>1</sup>) Sobre esta *villa* ver: HELENO (Manuel), *A villa lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte)*, AP, 2.<sup>a</sup> série, IV, 1962, p. 313-338; ALÁRCÃO (Jorge), *Portugal Romano*, Lisboa, 1974, p. 108-111 e passim. O mosaico foi estudado por ALMEIDA (D. Fernando de), *O mosaico dos cavalos (Torre de Palma)*, AP, III série, IV, 1970, p. 263-276. Sobre Marte: LAMBRINO (T. Scarlat), *Les cuites indigènes en Espagne sous Trajan et Hadrien*, «Les Empereurs d'Espagne», Paris, 1965, p. 242.

Inédita.

No conjunto, a epígrafe surge bem concebida, requintada, se atendermos por exemplo à profusão de heras com evidente intuito estético; apenas a última linha destoa da paginação, sugerindo que teria sido pensada após a gravação do restante texto, dada inclusivamente a inusitada irregularidade do tamanho dos caracteres. Contudo, a irregularidade é geral: as heras — cordiformes, de caule prolongado para a direita e vértice alongado — não são iguais; o A, apesar das semelhanças (travessão oblíquo, coroamento nos vértices e ao nível da linha), difere substancialmente de linha para linha, na inclinação, no remate; o R, sempre esguio, não é igual na sua parte superior, o mesmo se podendo dizer do P; o O notabiliza-se pela ausência de circularidade. Mas não só de linha para linha as diferenças se estabelecem — veja-se o V da l. 3: mais apertado em *Argyrius*, alarga-se no final pegando aí a haste da esquerda quase a meio da direita. A primeira letra da l. 5 está gravada exactamente como o Y: julgamo-lo evidente lapso, por isso lemos T, pois falta só o travessão (os T não serão feitos a partir dos Y?). É constante a obliquidade das caracteres: mesmo o remate inferior e superior das letras, que poderia sublinhar uma certa horizontalidade, não deixa de frequentemente se apresentar alevantado; curioso verificar que, tal como acontece na l. 1 — o D vertical e o S já oblíquo —, a epígrafe parece «deslocar-se» da esquerda para a direita.

Pai e filho têm o mesmo nome, justificando-se assim a atribuição do segundo cognome, *Argyrius*, ao filho, para o distinguir. Ambos pertencentes à *gens Fabia*, ostentam cognomes de origem grega: *Tryphon* ainda não fora registado na Península Ibérica e *Argyrius* é *hapax* como cognome, porquanto apenas é citado como nome do *praeses* duma província desconhecida em 349 da nossa era (*Cod. Theod.* IV, 13, 2) (22). Pela onomástica, os personagens situam-se num ambiente de libertos.

A invocação aos deuses Manes, a paleografia, o adjectivo *desiderantissimo* apontam para os finais do séc. m.

(22) *RE* II, I, col. 802. Sobre nomes relacionados com este, ver *Thesaurus Linguae Latinae* II, s.v. «Argyrus».

7 — *Silveirona. N.º de entrada: E 8013. Foto 10*

Placa funerária, de calcário acinzentado, proveniente da necrópole de Silveirona. Campo epigráfico rebaixado ^ em relação à moldura (de gola achatada e filete) que o enquadra. Pequenas mossas nomeadamente nas arestas superior e inferior da moldura.

Dimensões: 45 x 62 x 9,5. Campo epigráfico: 28 X 44,5.

LABERIA / GALLI . F(*ilia*) • CATVLLA / AN (*norum*) • LV(*quingaginta quinque*) • H(*ic*) • S(*ita*) • E(*st*) S(*it*) • T(*ibi*) • T(*erra*) • L (*ewis*)

Aqui jaz Labéria Catula, filha de Galo, de cinquenta e cinco anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: 1. 1: 5,5/6; 1. 2: 5,5/4,5 (C=4, último A=3,2); 1. 3: 5,5/6; 1. 4: 5 (S=5,2). Espaços: 1: 1; 2: 1,5; 3: 1/2; 4: 1.

Inédita.

Nem o tratamento do suporte nem o traçado de cada letra se coadunam, pelo seu cuidado, com a deficiente estética do conjunto, atendendo de modo particular à desigualdade dos caracteres, à sua diferente inclinação, à péssima ocupação do espaço epigráfico nos sentidos transversal e longitudinal. Sente-se uma tentativa de alinhamento à esquerda não conseguido, apesar de se poderem alinhar de certo modo as linhas duas a duas. A pontuação é feita através de pequenas vírgulas colocadas a diferentes alturas devido às hastes das letras; nota-se a sua ausência após o S (1. 3). Todos os caracteres denotam inclinação para a esquerda; B mais dilatado na metade inferior; barras do E, F, L, T curtas e de terminação levemente arrebitada; R desgraciosamente gravado a partir do P; A (em geral), N, V (1. 3) muito abertos; G de pequeno segmento vertical com curvatura para o interior; C mais pequeno que as demais letras.

Labéria Catula tem um gentílico que poderia ser de origem etrusca, a acreditarmos com prudência em W. Schulze <sup>i23</sup>), mas que é, em todo o caso, do centro da Itália; pertenceria, portanto, a uma *gens* de emigrantes itálicos. É filha de Labério Galo — notável, a associação do cognome *Gallus,-a* a *Laberius: Laberia Galla* (*CIL* VI 1406i=*ILS* 1167), *Laberius Gallus* (*CIL* XI 2702 = = *ILS* 7217) <sup>(M)</sup> e, no *conventus Pacensis*, *Laberia Galla* (*iCIL* II 114 = *ILER* 339).

A ausência da invocação aos deuses Manes e o uso do nominativo sugerem o séc. i.

8 — *Silveirona. N.º de entrada: E 8018. Foto 11*

Placa funerária de calcário granulado, moldurada como as anteriores (o desnível, porém, é maior), encontra-se muito mais danificada que elas: partida obliquamente de alto a baixo mais ou menos a meio, esfacelada e erodida na moldura — mormente na parte de baixo decerto mais em contacto com agentes erosivos — e nos caracteres, onde a gravação facilitou o desgaste. A inscrição não foi afectada, porém, na sua legibilidade, sendo reconstituíveis todas as letras. O monumento também foi trabalhado lateralmente.

Dimensões: 48 x 65,5 x 10.

Campo epigráfico: 30 x 47.

D(iis) \* M(anibus) • S(acrum) • / L(ucius) • VALERIVS /  
MAXVMVS . ANN(orum) / LXXX(octoginta) . H(ic) • S(itus) •  
E(st) • S(it) • T(ibi) • T(erra) - L(evis) / ARRIA QVINTILLA /  
VXOR ET AVITA / F(ilia) • F(aciendum) • C(uraverunt).

<sup>(28)</sup> SCHULZE (Wilhelm), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlin, 1966, p. 162.

<sup>(\*4)</sup> Ver RE xii, 1924, col. 246-255, sobretudo *Laberius* 8, *Laberia* 21. E *PIR*<sup>2</sup>, V, 1, 1970, L 14.

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Lúcio Valério Máximo, de oitenta anos. Que a terra te seja leve.' A mulher, Ária Quintila, e a filha, Avita, mandaram fazer (este monumento).

Altura das letras: 3. Espaços: 1: 1; 2 a 7: 0,7; 8: 3.

Inédita.

Paginação muito cuidada, notável distribuição das letras no espaço epigráfico, mesmo que o *ordinator* tenha sido forçado, no final da l. 3, a distanciar um pouco os A, o que, aliás, acontece também na l. 6. A pontuação, elegante, é constituída por sinais em jeito de y, levemente delineados, arqueados. Apesar das falhas, o exame atento permite apercebermo-nos dum traçado regular da letra, capital quadrada, bem geométrica e proporcionada — um caso em que a paleografia (nomeadamente pela forma do R, do D, do M) sugere uma datação de começos do século II.

Todos os nomes são perfeitamente latinos, muito comuns. Será curioso aproximar desta placa uma outra, de Lisboa (*ILER* 4759 = *VIEIRA* 102), que apresenta duas dedicantes também: *Arria Quintilla* e *Lucretia Avita*.

#### 9 — Silveirona. N.º de entrada. E 7988. Foto 12

Miliário (?) de mármore branco, afeiçoado anterior e posteriormente. A face que recebeu a inscrição parece não ter sido previamente alisada mas sim picada. Sob a inscrição, uma fenda oblíqua, longitudinal; em cima, o miliário como que termina em bico para o lado direito do observador. A inscrição ocupa pouco mais da metade superior; ao nível da l. 7 um desgaste eliminou duas letras.

Dimensões: alt. máxima — 101; perímetro transversal — 92; espessura — 19; inscrição: 46 x 24.

D (*ominis*) N (*ostris*) / FLAVIO IVLI/O CRISPO / VALERIO LICI/NIANO LICI/NIO IVNI/ORI E[T] [FJLA/VIO CLAV/DIO COF]QSTA/NTINO m/BflissimiJS CAES(*aribus*)

Aos nossos senhores, Flávio Júlio Crispo, Valério Liciniano Licínio Júnior e Flávio Cláudio Constantino, nobilíssimos Césares.

Alt. das letras: cerca de 3. Espaços: 1: 8,5; 2 a 11: 1; 12: 36.

Inédito.

Na 1.1, foi gravado DD NN, que em rigor se deveria interpretar por D (*ominis*) N (*ostris*) (*duobus*) como, aliás, na última linha CAESS = CAES(*aribus*) (*duobus*); sucede que são homenageados três Césares; a rigor deveria, pois, ter sido gravado DDD NNN e CAESSS; como tal não aconteceu, preferimos não especificar o número na interpretação.

As linhas descaem um pouco para a direita. Paginação medíocre, cortes de palavras não ortodoxos; ausência de linhas auxiliares. Letras de altura diferente, espaços irregulares, gravação muito irregular.

Pela forma e por ser dedicado a Césares, podemos deduzir que estamos em presença dum marco miliário; falta, contudo, qualquer indicação de distâncias. Em todo o caso, assentando-se na hipótese de se tratar dum miliário, haverá que atender-se ao estudo da rede viária romana da região para se identificar qual a via em que o monumento poderia ter sido colocado.

O marco honra a memória de Crispo, filho de Constantino, de Licínio-o-Jovem (filho de Licínio) e do futuro Constantino II, nomeados Césares a 1 de Março de 317. Podemos até supor que ele foi erigido justamente para comemorar esta nomeação — portanto em 317, talvez no próprio mês de Março.

Os nomes dos Césares vêm em dativo, circunstância que pode confirmar a tese de P. Salama segundo a qual tais monumentos substituíram as habituais dedicatórias, permitindo, assim, uma economia de despesas, a partir do séc. m (25). Efectivamente, o presente monumento tem a forma de miliário mas o seu texto é puramente honorífico — a hipótese de que se tornou moda o uso da dedicatória num suporte em forma de marco miliário, que deixara de ter a sua função inicial de marcar distâncias numa via, parece-nos não desprezível.

(25)  $y_{er} > a_{es} t_e$  propósito, ÉTIENNE (Robert), *Le Culte Impériale dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, 1974<sup>2</sup>, p. 502-503.

10 — *Silveirona. N.º de entrada: E 7991. Foto 13.*

Placa funerária, de mármore branco, com inscrição cristã. Tem forma grosseiramente rectangular. Aproveitou-se para a inscrição a face mais lisa que não é, no entanto, completamente plana. A pedra foi retirada do seu primitivo uso a fim de servir como esteia funerária ou tampa de sepultura. Só do lado esquerdo há vestígios de ter sido rectificadada; em cima e à direita, as arestas são irregulares.

Dimensões: 154 x 63 x 10. A inscrição começa a cerca de 24 cm do topo e o espaço final mede aproximadamente 75 cm.

SABINVS *W(i)R H(onestu)S* / VIXIT ANNOS / LXXV  
(*septuaginta quinque*) REQVIT [sic] IN / PACE D(*iebus*) III (*tri-*  
*bus*) IDVS / MARTI AS / ERA DLV (*quingentesima quinqu-*  
*gesima quinta*)

Sabino, varão honesto, viveu setenta e cinco anos. Descansou em paz aos três dias dos idos de Março da era de 555 (= 13 de Março de 517) <sup>i</sup><sup>26</sup>).

OLIVEIRA (P.<sup>o</sup> Miguel de), *Epigrafia Cristã em Portugal*, Lisboa, 1941 (= OLIVEIRA), n.º 10. VIVES (José), *Un nuevo grupo de inscripciones cristianas visigodas en el Museo Etnológico de Lisboa*, «Archivo Español de Arqueología» (= AEA), XLVI, 1942, n.º 11. VIVES (José), *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, 2.<sup>a</sup> edição, Barcelona, 1969 (= ICERV<sup>2</sup>), n.º 497.

Variantes: 1. 1: SABINIANVS (ICERV\*); 1. 4: *die* (OLIVEIRA)

Irregularidade de gravação. As linhas descaem para a direita. L muito ondulado, recurvando superiormente para a esquerda e prolongando-se bastante em baixo: mede 8 cm na 1.3 e 10 na 1. 6, entre as extremidades. O D é traçado a meio.

(<sup>26</sup>) A era hispânica, indicada nas inscrições cristãs, começou a 1 de Janeiro de 38 a.C.

O texto insere-se dentro das características apontadas por Vives para a epigrafia cristã da Lusitânia (*ICERV*<sup>2</sup>, p. 7-9). De salientar: a abreviatura VR HS da l. 1 que não é habitual; na l. 3, a forma sincopada REQVIT em lugar de REQVIEVIT.

**O antropónimo SABINVS é a primeira vez que surge na epigrafia cristã peninsular.**

11—*Silveirona*. N.º de entrada: E 8019. Fotos 14 e 15

Placa funeraria de mármore róseo, com inscrição cristã. Grosseiramente rectangular, está quebrada em duas metades no sentido longitudinal. O texto foi gravado na face oposta do canto dum enquadramento insculturado, representando um friso de ramagens de acanto (acabadas?) entre duas linhas de decoração cordiforme, flanqueado por dois filetes; trabalho pouco hábil, cujas características sugerem — com reserva — a decoração do séc. ni. Trata-se, sem dúvida, dum reaproveitamento: seria peça doutro monumento funerário? Note-se que seria de boas proporções. Muito bem alisada superiormente, mais deficientemente do lado esquerdo, a face inscrita mostra à direita vestígios do uso de ponteiro.

Dimensões: 104 x 51,5 x 9,5.

(*crux*) TAL ASS A FAMO[s;c]/LA DEI VIXSIT / ANNOS XLIII (*quadraginta quattuor*) / ET REQVIET / IN PACE XV (*quindecim diebus ante*) / CALE(*ndas*) SEPTEMBRES / ERA DLXXXII (*quingentesima octogesima secunda*)

Tálassa, serva de Deus, viveu quarenta e quatro anos e descansou em paz aos quinze dias das calendas de Setembro da era de 582 (= 18 de Agosto de 544).

OLIVEIRA, n.º 22 (resume o texto da inscrição, que não publica integralmente). COSTA (Avelino de Jesus), «Revista Portuguesa de História», III, 1947, p. 504. *ICERV*<sup>2</sup> n.º 532.

l. 1: TALA'SA (OLIVEIRA), TALASA (*ICERV*<sup>2</sup>).

Precede o texto uma cruz grega, com pontos entre os braços do lado esquerdo. Consideramos seguro o nexu *AS*: o lapicida juntou ao A a curvatura superior do S. A preocupação de manter um certo alinhamento à esquerda não foi seguida na l. 6 (decerto por esquecimento do vocábulo *calendas*) e na última linha. As letras variam entre 2 e 4 cm de altura, as linhas sobem no sentido esquerda/direita (espaço 1 = de 11,5 a 9, aproximadamente). Na l. 1, as hastes do L não se unem; o F está grafado como E com a haste superior prolongada para trás. Na l. 3, S muito alto (5 cm) e o nexu *XL* é mais um exemplo a juntar aos citados no *ICERV*<sup>2</sup>, p. 186-190. O D da última linha não é fechado, diferindo portanto do da l. 2, que se apresenta quase delta.

A inscrição apresenta aspectos fonéticos notáveis: *famola* por *famula*, *vixsit* por *vixit*, *requiet* por *requievit*.

A propósito da inscrição romana pagã *CIL* II 3685, de Maiorca, onde se refere o antropónimo *Talassa*, Lurdes Albertos<sup>(27)</sup> opta pela sua não-relação com o grego *ἄλῃα* (mar) e cita exemplos de formas aparentadas, dentro duma panorâmica de onomástica pré-latina. Forma provavelmente aparentada com esta poderia ser igualmente *Thallusa* (*CIL* II 1915, Cádiz). Contudo, aqui o vocábulo é cristão, de sorte que não nos repugna rejeitar a hipótese de relação com antropónimos romanos para considerar o vocábulo grego inspirador deste nome aqui registado também pela primeira vez.

## 12 — *Silveirona* (28). N.º de entrada: E 7989

Não conseguimos encontrar no MNAE esta placa funerária que, segundo o livro de entradas, teria a forma rectangular e estaria encaixilhada. Tinha duas inscrições: a da cabeceira (A)

(27) *O. Hisp.*, p. 217-218.

(28) ALVES, *art. cit.*, afirma não compreender porque é que OLIVEIRA incluiu este monumento na epigrafia de *Silveirona* e considera-o oriundo de Mértola. *ICERV*<sup>2</sup> fá-la também provir de Mértola, embora se baseie em OLIVEIRA. Nós optamos pela proveniência de *Silveirona*, baseando-nos no livro de entradas do MNAE.

«dentro duma coroa marcada só por um círculo e, no exterior, nos quatro ângulos, há uma folha de pedra» (VIVES); seria encimada por uma pequena cruz (OLIVEIRA). A dos pés (B), «gravada com menos cuidado» (OLIVEIRA), tem uma fractura no final de ERA e é rodeada por um círculo quase rectangular (VIVES).

Dimensões: 125 x 63

A)

VERAN[IAJNVS / FAMVLV/[S DEI VI]/XIT ANN [OS ...]  
/ REQVIE/[VIT IN PA]/CE IIII (*quattuor diebus ante*)  
KAL[ENDfasj] / IVNIAS ERA / DLXVIII (*quingentesima*  
*sexagesima nona*)

Verariano, servo de Deus, viveu ... anos, descansou em paz aos quatro dias das calendas de Junho da era de 569 (= 29 de Maio de 531).

OLIVEIRA, n.º 16. VIVES, *AEA* p. 59-60, n.º 6. ALVES (A. Delgado), *Aspectos da Arqueologia em Myrtilis*, «Arquivo de Beja», XIII, 1955, p. 84, n.º 9. *ICERV*<sup>2</sup> n.º 491.

O D da era estaria gravado como delta. *Verarianus* é antropónimo aqui atestado pela primeira vez.

B)

(*crismon*) SAVINIANVS / FAMVLVS DEI VI/XIT ANNOS  
XVIII (*decem octo*) / REQVIEVIT IN P(a)CE / XV (*quindecim*  
*diebus ante*) CAL(e)N(das) AVISTAS / ERA DLXXXI  
(*quingentesima octogesima prima*)

Saviniano, servo de Deus, viveu dezoito anos, descansou em paz aos quinze dias das calendas de Agosto da era de 581 (= 18 de Julho de 543).

OLIVEIRA, n.º 20. VIVES, *AEA*, p. 60, n.º 7. ALVES, *art. cit.*, p. 85, n.º 11 = *HAE* 1683. *ICERV*<sup>2</sup> n.º 492.

De notável as formas sincopadas ou abreviaturas: *pee* por *pace* (1. 4), *CALN* (*calendas*) e *AVSTAS* (*augustas*), na 1. 5. *Savianus* é antropónimo aqui registado pela primeira vez.

Gomo os anteriores, também este monumento se data da primeira metade do séc. vi, época em que — a julgar pelos dados epigráficos — a região de Silveirona registou forte ocupação cristã.

13 — *Silveirona. Sem n.º de entrada. Foto 16*

Placa funerária de mármore branco, fragmentada em três partes, com inscrição incompleta. Apresenta, *grosso modo*, a forma dum quadrilátero irregular.

Dimensões: 16,5 x 18 x 2,7.

[...] EDANVS VIXIT [...] / [...] [REQVIEVI]T IN PACE D [IE...] / [... ERA] DLI (*quingentesima quinquagesima prima*).

... edano viveu (... anos), descansou em paz aos (...) dias (...) da era de 551 (= 513).

Alt. das letras: cerca de 2. Espaços: 1: 5; 2: 3; 3: 5 (medidas médias).

Inédita.

A gravação é muito leve, sem profundidade — os caracteres são mais riscados que gravados. O A bem proporcionado; do T (1.1) nota-se parte do travessão; na 1. 2, o P é alongado, o E tem os travessões oblíquos, levantados, diversamente do que sucede com o da 1. 1, de traços horizontais, iguais.

Dentro da onomástica cristã registada na Península não encontramos antropónimo com terminação em *-edanus*. Durante o domínio romano, regista-se, em inscrições pagãs, *Pedanus*, que talvez se possa relacionar.

14— *Silveirona. Sem n.º de entrada*

Dois fragmentos colados formando o canto superior direito duma placa de mármore branco. A inscrição, de que resta uma parte, foi muito levemente «riscada», de forma que se torna impossível a fotografia ou mesmo o decalque.

Dimensões máximas: 28 x 26,5 x 3,3.

[...] [VIXIT] [AJNNOS LX REQVIET / [IN PACE  
D (*iebus*)] XV (*quindecim*) (*ante*) K(*alendas*) [SEP]T[EM]  
B[RES] ERA [...].

F. viveu sessenta anos, descansou em paz aos quinze dias das calendas de Setembro, da era (...) (= 18 de Agosto).

Inédita.

A leveza da gravação e o desgaste impedem de saber se haveria alguma linha em cima, hoje totalmente desaparecida, ou se a inscrição só continuava à esquerda: à direita vestígios de argamassa e a aresta rectilínea induzem-nos a pensar que não prosseguiria a inscrição nesse sentido. Aliás, também a parte superior está delimitada rectilíneamente — a placa estender-se-ia, portanto, na largura.

15 — *Silveirona. Sem n.º de entrada. Foto 17*

Placa de mármore branco com veios azuis, de que restam dois fragmentas formando o canto inferior direito duma inscrição funerária. Teria eventualmente duas inscrições, ambas inscritas em circunferências (coroas): a de cima, numa circunferência de traço contínuo; a de baixo — de que apenas existe o crismão incompleto — em três circunferências concêntricas delineadas através de tracejado oblíquo (coroa de louros?).

Dimensões máximas: 30 x 35,5 x 2/2,4.



Foto 2



Foto 1

Est. II

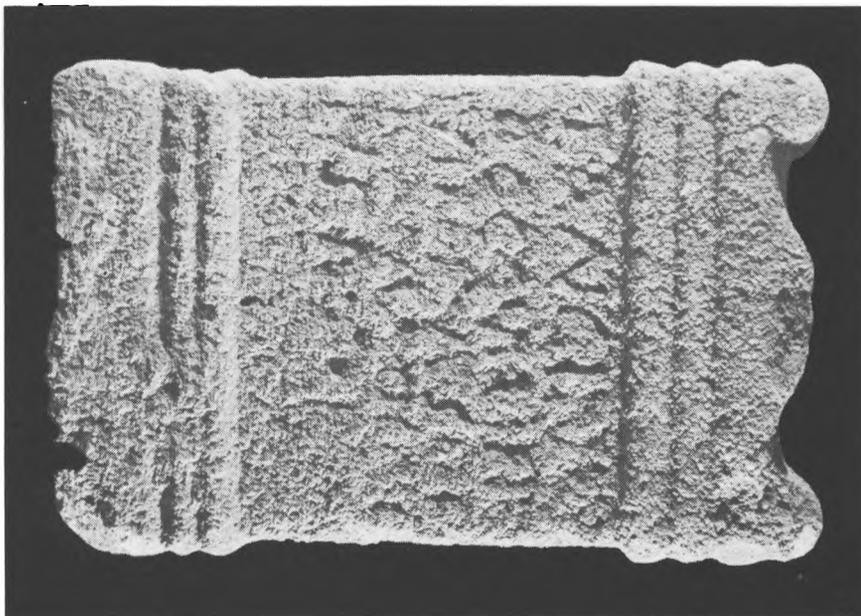


Foto 3

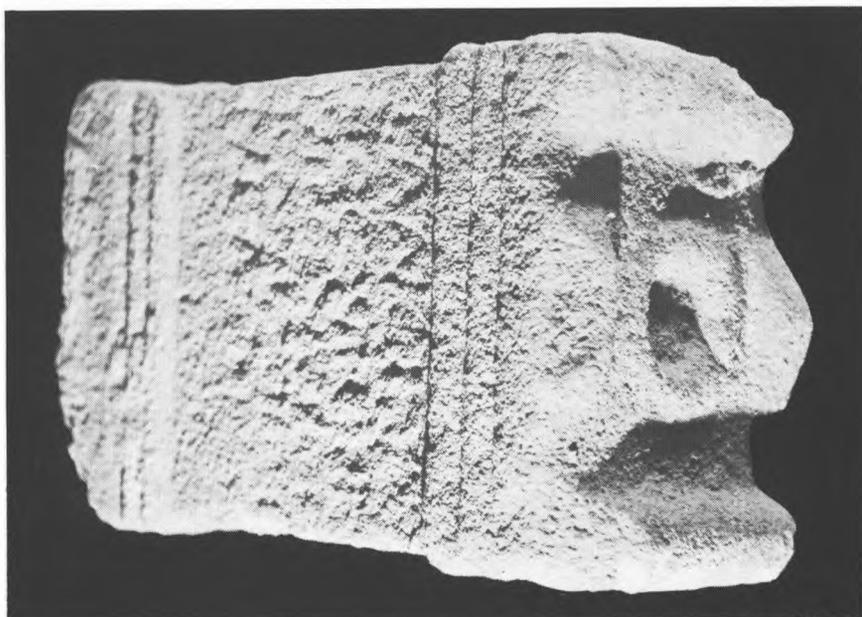


Foto 4



Foto 6

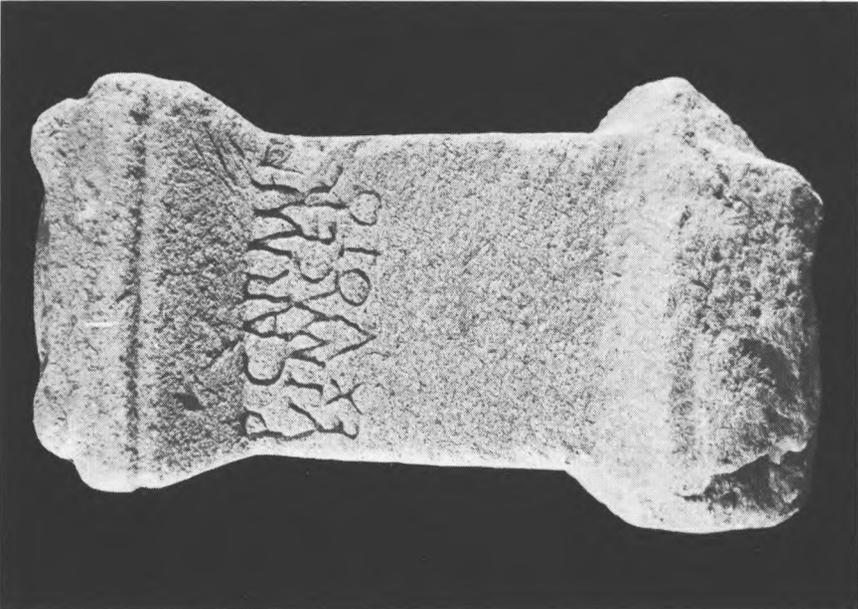


Foto 5

Est. IV



Foto 7

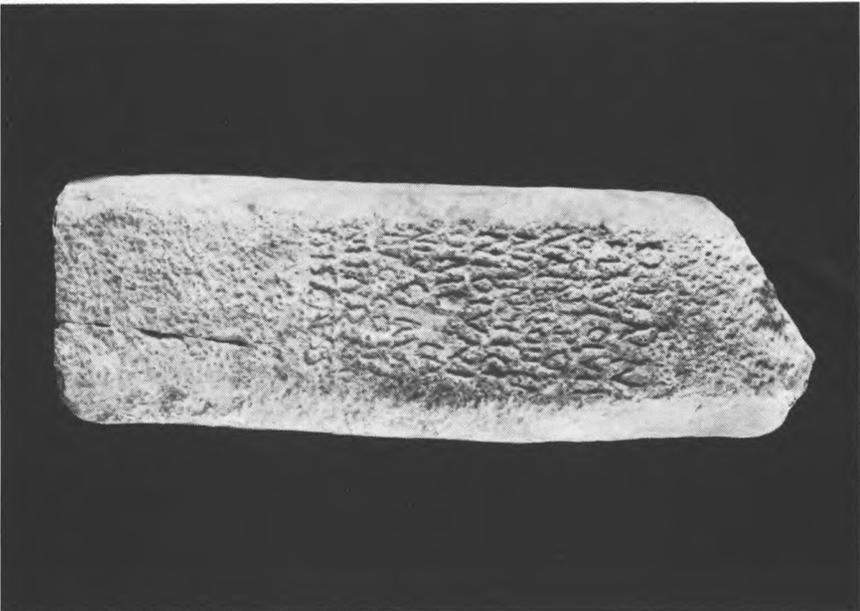


Foto 12

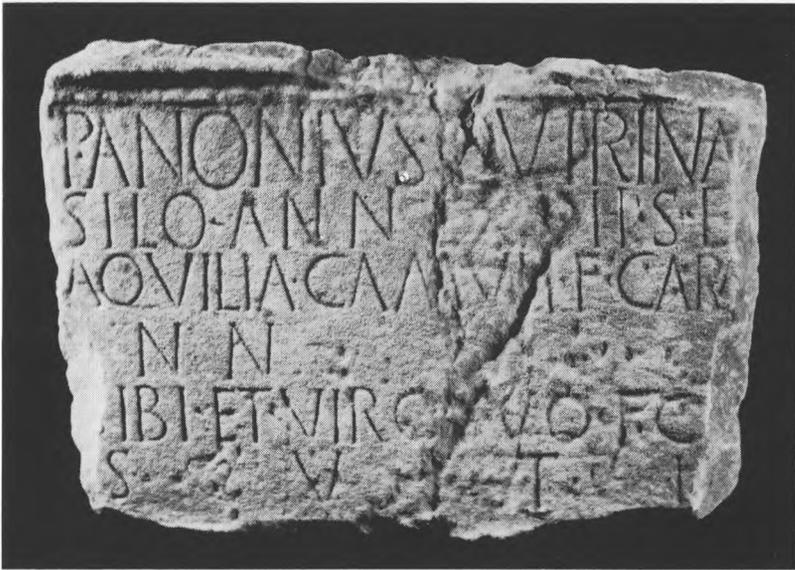


Foto 8



Foto 9



Foto 10

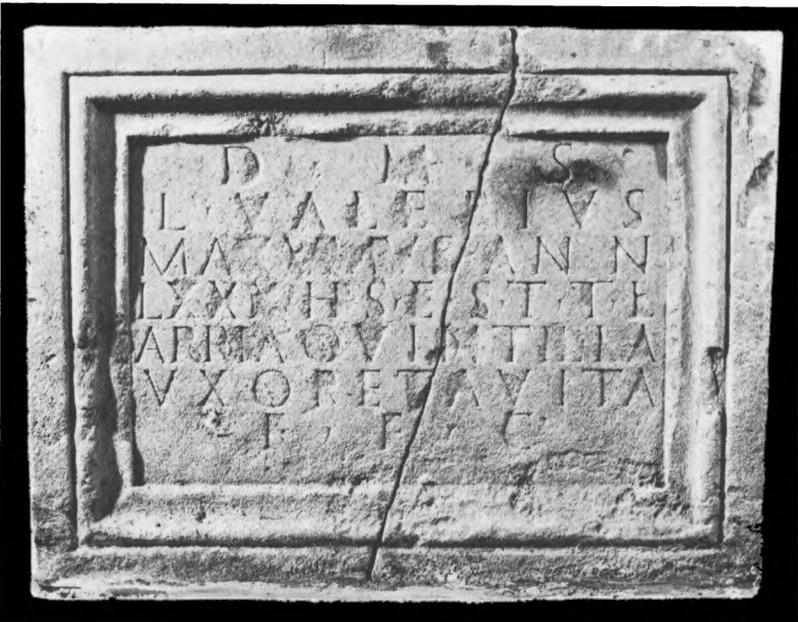


Foto 11



Foto 15

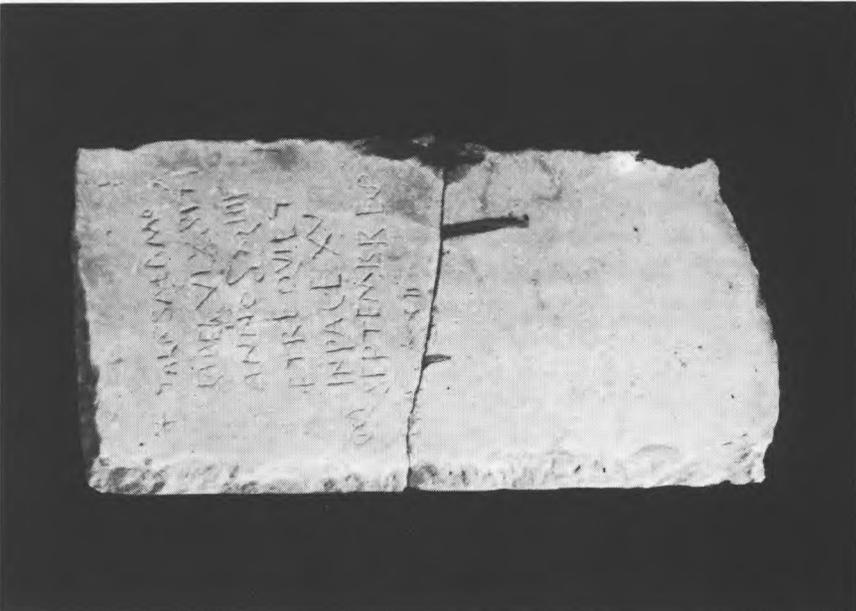


Foto 14

Est. VIII



Foto 13



Foto 19



Foto 16



Foto 17

EST. X



Foto 18

[...] / [REQV]IV[IT] / IN PAC]E D (*iebus*) I[III]?  
 (*quattuor?*) [I]DVS / [IV *vel* APRI]LIAS ERA DLX (*quin-*  
*gentesima sexagesima*).

... descansou em paz aos quatro (?) dias dos idos de Julho  
 (ou de Abril) da era de 560 (= 522).

Letras: 3/3,5 (I: 2,5: X: 2).

*ICERV*<sup>2</sup>, 500

Variantes (*ICERV*<sup>2</sup>): 1. 2: [PAGE]; 1. 4: IV/LIAS.

Parece-nos a gravação muito mais regular e cuidada que a dos monumentos anteriores, patente por exemplo no traçado bem acabado de cada letra: vejam-se o S, o A, o R; difere o D da era (aberto e mais cursivo) dos da linha anterior (o primeiro, triangular e traçado obliquamente para indicar abreviatura, o segundo sem traço).

16 — *Silveirona. Sem n.º de entrada. Foto 18*

Fragmento de placa de mármore azul, partido em três. Conserva a parte direita duma inscrição funerária contida em três circunferências concêntricas delineadas a tracejado oblíquo (coroa de louros?). Em cima, à direita, resta parte do debrum que primitivamente limitaria a placa.

Dimensões: 46 x 19 x 2.

[...] N / [...] S / [...] B / [...] [KAL]EN/[DAS SEP]-  
*T(em)BRES* / [...] SE.

Alt. das letras: 2,5/3

Inédita.

Na 1. 5, a seguir ao B e sobre a linha há um T pequeno (1 cm) — lapso do gravador, porque deveria colocá-lo antes do B e não depois?

O fragmento interessa pela decoração e porque os caracteres estão muito mais bem desenhados que os das placas anteriores.

17 — *Silveirona. Sem n.º de entrada. Foto 19*

Fragmento de placa de mármore azulado, sensivelmente em forma de cunha, ostenta na parte de trás o n.º 36. Na superfície não polida, tem parte duma inscrição funerária.

Dimensões: 27,5 x 11,5 x 2

[...] V[IXIT / ANNOS L]XI (*sexaginta unum?*) RE[QVIE-  
VIT IN] PACE [PRIJ/DIE KA [LENDAS] / [DE]CEM-  
[BRES] / [ERA] [D]LX[X?]] (*quingentesima septuagesima?*)

F... viveu sessenta e um (?) anos, descansou em paz na véspera das calendas de Dezembro da era de 570 (?) (=30 de Novembro de 532).

Alt. das letras: 2/3.

*ICERV*<sup>2</sup> 500 a.

Variantes (*ICERV*<sup>2</sup>): 1.1: não lê; 1.2: XI, [DNI]; 1.4: DIE; 1. 5: [D]LX.

Adoptámos uma divisão de linhas um pouco arbitrária, pois não há elementos que elucidem sobre as originais dimensões da placa; contudo, preferimos esta à do *ICERV*<sup>2</sup>. O aspecto cursivo do X levou-nos a ler LXI na 1. 2. A escrita pode incluir-se num tipo de monumental «quadrada».

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO